

26-08-2022

CARTAS PARA JESUS E A RUINZEIRA DE BODE

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Algo me impressiona muito: a simples presença do Outro em nossa esfera de relação é capaz de mobilizar um turbilhão de sensações, de sentimentos e de memórias. Alguém chega próximo e as nossas células começam a dançar ou darem pulos difíceis de serem nomeados. Daí, que, sob a inspiração de Merleau-Ponty, é apropriado dizer: todo gesto é a vida inteira. Às vezes, esse jato de sentimentos e sensações nos perturba e nos leva a um engasgo secreto e duro. É possível também, sob condicionamentos e permutas alegres, festivos e confiáveis, nos aproximarmos de alguém que amamos e tudo, numa rapidez estonteante, se maravilhar como um vagalume no olhar de uma criança. Há pessoas, cuja simples presença, nos fazem assinar um pacto com a luz. De fato, há pessoas que nos enchem de entusiasmo - e de vontade de viver.

Foi Cecília Meireles que escreveu numa de suas crônicas líricas: não é possível alguém ser só. De alguma forma, cada um de nós somos um Outro coletivo, desafiador, paradoxal, contraditório. Irremediavelmente louco. O próprio corpo é uma matéria da matéria do mundo, de sua história, de seus componentes químicos e biológicos, de sua possibilidade de comunicação e trocas. Por isso, é comum alguém chegar e dizer: “eu não sei o que está acontecendo comigo”, ou proclamar: “estou com ruineira de bode, mas não sei detectar a causa”.

Há os que fazem uma avaliação simples: “eu sou estranho, sou estranho para mim mesmo”. A ruineira de bode pega a todos e se mostra em vertigens súbitas, em nossas vontades desorganizadas, na sede e na saudade de não sei o quê e, inclusive, em sensações enevoadas na hora de dormir ou quando se acorda. Pois é!

Um dia a minha mãe me conclamou a fazer um exame com uma freira católica. A freira recomendada andava pelo Brasil procedendo curas a partir de referências fitoterápicas ligadas à psicologia espiritualista de escopo cristão.

Depois da insistência amorosa de minha mãe, com curiosidade, adentrei a sala da freira. Antes, porém, fui convidado a tirar os sapatos e as meias. De pés descalços e com os olhos arregalados, fui recebido num tom solene e acolhedor.

Pedi-me que falasse de mim. Irreverente e humorada, a freirinha simpática disse desacreditar que eu era um professor universitário já que a minha postura corporal no modo de sentar na cadeira era horrível. Nesse campo, o da postura corporal, eu era analfabeto. Retesei o corpo, murchei a barriga, organizei a respiração, estendi os braços e as mãos, sob o seu ensinamento, silencie-me e, depois, falei de meus enroscos de vida. Desconfiada do meu discurso, depois de me explicar que existem duas formas de febres, a febrona que é do espírito, e a febrinha que é do corpo, disse-me que eu estava gravemente enfebrecido. Sofria da febrona.

Então, recomendou-me que escrevesse cartas para Jesus. Logo argumentou: “você escreve as cartas, diga tudo a Jesus, tudo, sem nenhuma castração, Jesus vai ler, e depois você as queima”. Pois é!

Apesar de gostar do método, eu não escrevi cartas para Jesus, até porque, sob deliberação e com frequência, escrevo-as para amigos e amigas. Algumas delas saem ao modo de um movimento de escrita catártica formado no passado por um grupo de pessoas, envolvendo Angela Barbosa, Lindomar Tomé, Luiz Carlos Fadel, Aprígio Neto, André Toríbio, Eleuzenira Menezes e outros e outras... ..

O movimento chamado PIOROCURA tinha um lema: nos colocamos na vida – e na vida escrita – para curar; nos curarmos para piorar. De tanto piorar, haveríamos de ser curados. Desengasgar palavras castradas, pôr-se contra o puritanismo negocial, ir no fundo dos sentimentos, procurar uma luz de sabedoria nas dores, ferver a vida e tomar a consciência da linguagem como ethos de libertação e de cura eram os atributos centrais do Movimento, que, aliás, não queria pódio, palácio, láureas, nem êxtases estéticos.

Pelo movimento, queríamos experimentar os dotes abertos do dizer, pôr a vida no rascunho. Descermos ao poço fundo da nossa própria experiência. Certamente havia em todos nós do PIOROCURA a chama quente da poesia e da vontade de não se render a qualquer tipo de opressão.

Talvez tivéssemos o desejo de superar o medo e as bajulações. Queríamos nos ferver no mundo e promover contágios vibrantes no Outro. Sem que soubéssemos ao certo, queríamos enfrentar a ruineira de bode, isso que palpita fundo e ninguém sabe decifrar.

**Da minha parte uma premissa é inegociável:
não podemos nunca descolar da realidade.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.